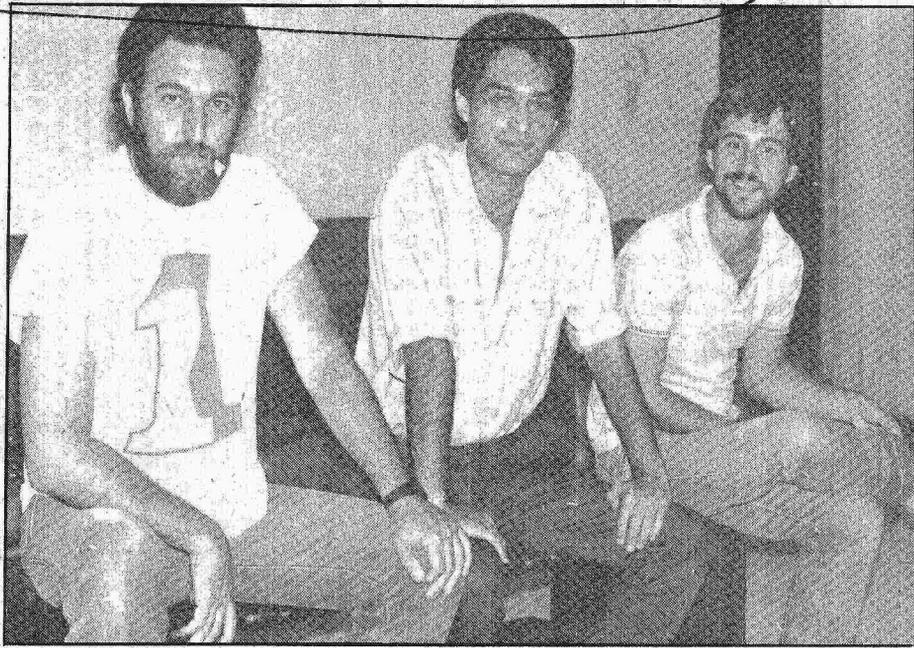


# ARTES PLÁSTICAS

Formalizada há três semanas, a Associação de Artistas Plásticos de Brasília resolveu acabar com as divisões internas e partir para uma ação mais contundente, já lançando uma série de reivindicações, para uma maior participação. Zamboni é o primeiro presidente desta associação que, a rigor, já funcionava com muito ímpeto mesmo antes da formalização e a maior preocupação do grupo é com a timidez das instituições no seu relacionamento com os artistas, o que vem provocando um afastamento muito grande do poder, apesar da (antiga) oposição ocupar o Governo.



## Os artistas começam a reivindicar

Redefinição total das diretrizes adotadas pela Funarte em relação às artes plásticas (a nível local e a nível nacional), participação efetiva nas decisões de política cultural da Fundação relacionadas às artes plásticas, integração das mais diversas instituições (Fundação Cultural, Funarte, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Indústria e do Comércio etc), com objetivo de criar eventos que suscitem a troca de informações e retirem Brasília do provincianismo cultural a que foi relegada nos últimos anos. Estas são algumas das reivindicações da primeira Associação de Artistas Plásticos de Brasília, que já estava em ação antes mesmo da sua formalização há três semanas atrás.

Esta Associação tem como primeiro presidente o artista plástico Zamboni e ainda em sua diretoria: Elissa de Souza, Evandro Salles, Luiz Gallina, Eduardo Carreira, Valdir Jagmin, Douglas Marques de Sá, Girafa e Lálada. Com a criação da Associação, os artistas plásticos pretendem criar um canal permanente de diálogo e participar efetivamente das decisões sobre a política cultural: "A imagem de que o artista é alienado não corresponde à realidade. — comenta Zamboni. Os artistas querem participar da política geral e principalmente da política cultural".

A nível geral, os representantes da Associação estão apreensivos com a timidez das instituições no relacionamento com os artistas, configurando a situação de um paradoxo político: as oposições tomaram o poder, mas as bases que estas oposições representam ainda estão muito distantes de participar nas decisões de poder. Em suma: a democratização dos espaços está caminhando com muita lentidão. "E quase como se as bases estivessem colocadas na oposição. Esta polêmica toda que houve no debate com o

Ziraldo no Auditório da Caixa Econômica reflete bem esta situação. No momento em que segmentos da cultura apontam um nome — este nome é vetado com o estigma arbitrário de "loobie". Zamboni, Luiz Gallina e Evandro Salles, representantes da Associação, acreditam que este problema não está ocorrendo apenas a nível da Funarte, mas em muitos outros planos políticos: "Está se revelando um problema geral da Nova República. Alguns deputados do

PMDB estão ameaçando cair na oposição caso o presidente José Sarney não cumpra alguns compromissos assumidos. Estas bases estão sendo relegadas a uma situação de oposição. E isto não é bom".

Ao fazer um diagnóstico de "tudo bem" na Funarte e ao vetar um nome indicado por segmentos representativos da produção cultural de Brasília sob o argumento de "loobie" — Ziraldo demonstrou uma inabilidade política e uma total

falta de visão sobre os problemas artísticos e culturais do País — entendem os diretores da Associação. É preciso uma total revisão dos critérios da política da Funarte em todas as áreas de atuação — e especificamente em relação às artes plásticas: "O principal é a centralização no Rio. Se a perspectiva é de uma política nacional, é preciso mudar a Funarte para Brasília. A Funarte/Brasília não tem a menor autonomia: tudo é decidido no Rio. O Inap (Instituto Nacional de Artes Plásticas) não faz uma política nacional. Faz uma política provinciana do Rio de Janeiro, que não é representativa nem mesmo do Rio como um todo".

## Documento e sugestões

Em um primeiro encontro com a direção da Fundação Cultural, a Associação de Artistas Plásticos entregou um documento com uma série de sugestões: Criação de um Centro de Documentação de Arte que ofereça, à população e aos artistas, acesso à informação sobre a História da Arte e permita acompanhar o desenvolvimento atual dos diversos setores artísticos a nível regional, nacional e internacional; criação de pelo menos um evento que reúna em Brasília a produção nacional de Artes Plásticas; estabelecimento, pela Fundação Cultural, de um intercâmbio com os diversos museus do País e com a Funarte, para que Brasília seja colocada no roteiro das exposições (grandes e pequenas), que percorrem o eixo Rio-São Paulo e que sirva, também, para levar às capitais brasileiras e produção de Brasília; participação na futura composição do Conselho Deliberativo da Fundação e no Conselho Curador do Museu de Artes de Brasília, a ser criado; criação, na Praça 21 de Abril, de uma Feira de Arte que reúna os diversos setores artísticos da cidade e sua população, proporcionando situações de participa-

ção em eventos de criação coletiva; retomada do Centro de Criatividade como pólo de produção, divulgação, discussão e ensino do "fazer artístico" no âmbito do DF, recuperando para a cidade o espaço da 508 Sul, na medida em que a concentração ali existente de diversos equipamentos culturais, poderá permitir uma maior integração das diversas formas de manifestação da arte. As galerias, a Escola-Parque, o Galpão, O Galpãozinho, a Praça 21 de Abril e o Centro de Criatividade, que hoje funcionam com demanda reprimida, podem e devem criar as condições de um maior diálogo entre o público e os artistas. E, neste sentido, os artistas vêm como primordial a participação através da idealização, organização e realização de atividades, cursos, etc dentro de um espaço/tempo previamente delimitado: "Nós estamos querendo colaborar com a Fundação porque ela é nossa. E porque nós estamos cansados de pertencer a oposição" — arremata Zamboni. A Associação continua aberta a participação de qualquer artista plástico interessado, todas as quartas-feiras, às 18:30 horas, na Cultura Inglesa.

Aliás, neste sentido, há uma estranha coincidência e um argumento de difícil contestação: em uma série de dez publicações da Funarte sobre arte contemporânea somente um artista de São Paulo entrou na jogada (Wesley Duke Lee). No mais, todos os outros são artistas radicados no Rio de Janeiro. Em relação ao caso específico de Brasília, os representantes da Associação entendem que, tanto a Funarte quanto a Fundação Cultural, devem lutar para tirar a cidade do provincianismo: "É preciso trazer informações que provoquem uma ampliação das perspectivas das atividades de criação. E também é preciso colocar Brasília no eixo de circulação de cultura controlado pelo eixo Rio-São Paulo. É preciso resgatar o grande papel cultural, nacional e internacional, que a criação de Brasília engendrou. Brasília precisa abandonar as visões provincianas/municipalistas e se abrir a uma visão mais cosmopolita da arte e dos processos criativos. E, para isto é preciso uma integração da Funarte e da Fundação Cultural com órgãos com o Itamarati e o Ministério da Indústria e do Comércio. Se você faz de Brasília um centro cultural forte isto afetará de maneira positiva a cidade e o País".